

CRISE ECONÓMICA

Engenheiros estão a emigrar "por necessidade"



Pedro Elias

ANTÓNIO LARGUESA

alarguesa@negocios.pt

A Ordem dos Engenheiros reconhece "problemas graves de empregabilidade", mas ignora o número de profissionais portugueses que abandonaram o País nos últimos anos devido ao aumento do desemprego e à degradação das condições salariais. Carlos Matias Ramos (na foto), o bastonário, refere que a saída do País aconteceu "não por vontade, mas por necessidade", sobretudo no ramo da engenharia civil, afectado pela significativa redução de trabalho na construção e obras públicas.

A primeira edição do Congresso de Engenheiros de Língua Portuguesa, que se realizou na quinta-feira em Lisboa – e será repetida a cada dois anos num país lusófono diferente – serviu precisamente

para "potenciar contactos" no Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor e até na região administrativa chinesa de Macau.

O bastonário valorizou também o propósito de ali "facilitar e estimular a aplicação da engenharia portuguesa nos planos de desenvolvimento" desses países, que foram apresentados ao longo dos trabalhos do congresso.

Quantos engenheiros portugueses saíram do País? "Também não sabemos", respondeu Carlos Matias Ramos. Durante um almoço com jornalistas, no Porto, o bastonário disse que o único indício sobre a emigração de quadros é dada pela percentagem crescente e que já chegou aos 14%, entre os 46 mil engenheiros inscritos na Ordem, que têm "isenção de quotas autorizada". Na base destes pedidos, porém, estarão englobadas

muito mais motivações além da emigração. Como "razões de doença", exemplificou.

O mesmo responsável indicou que essa monitorização "terá de ser feita", assim como defendeu que as escolas de engenharia "deviam fazer esse acompanhamento ao nível da empregabilidade" junto dos antigos estudantes. Até porque, sublinhou, "só assim se podem fazer planos de gestão e preparar o futuro" e esta é uma responsabilidade que "compete ao Estado, às escolas".

Para garantir a adaptação entre a procura das empresas e a oferta de profissionais, Carlos Matias Ramos sugeriu ainda que "o engenheiro deve ser formado em banda larga e, em função do mercado e do que a profissão tiver necessidade, desenvolver a especialização pós-graduada".